

Covid-19, a “Dor – Bênção” enviada por Deus.

Santa Maria Oliveira de Melo < santamelo31@gmail.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – A jornada experienciada entre o dia 1º de janeiro de 2021, quando surgiram os primeiros sintomas de Covid-19, permeada pela internação em Manaus (AM), no dia 09 de janeiro, a remoção para o Maranhão no dia 15, tendo sido transferida para cinco enfermarias diferentes, até a alta no dia 23 do mesmo mês, proporcionaram-me oportunidades de experimentar sentimentos diversos. Tudo o que vivi, registrei num diário material e mental, que aqui transcrevo, revivendo as mesmas emoções. Este trabalho tem como objetivo relatar a minha experiência com o Covid-19, bem como a aplicação do conhecimento espírita como auxílio na dor e na esperança. É com o sentimento de eterna gratidão que agradeço ao Mestre Jesus a bênção da “dor-bênção”, vivenciada de forma intensa nesses vinte e três dias em que estive doente com a Covid-19.

Palavras-chave – Covid-19. Pandemia. Dor. Esperança.

Submetido em 12/10/2023

Aprovado em 22/08/2025

1. INTRODUÇÃO

A partir de março de 2020, todas as atividades desenvolvidas no âmbito da Fundação Allan Kardec (FAK) foram suspensas, em decorrência da Pandemia do Covid-19. No período pandêmico, aconteceram três ondas, com uma grande incidência da doença e aumento da taxa de mortalidade. Como eu, muitos trabalhadores e frequentadores da instituição, foram acometidos da doença. Alguns desencarnaram em consequência de complicações provenientes da contaminação do Coronavírus.

Após refletir sobre os desafios vivenciados naqueles dias aflitivos, resolvi desenvolver este trabalho singelo, que tem como objetivos, relatar a minha experiência com a Covid-19 e a aplicação do conhecimento espírita na superação da dor e no fortalecimento da esperança.

A elaboração deste artigo teve como base os registros que fiz em forma de diário mental e material, sobre o meu percurso com a doença, e nos documentos recebidos dos hospitais onde me internei, além de pesquisas em jornais e no site da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas Dra. Rosemary Costa Pinto (FVS-AM), para fundamentarem as minhas informações.

2. A SEGUNDA ONDA DA PANDEMIA DO COVID 19 NO AMAZONAS

A história recente da pandemia do Covid-19 permanece viva na memória de muitos de nós. A disseminação do Coronavírus pelo mundo inteiro ceifou milhares de vidas. De acordo com o “Painel de Monitoramento do Covid-19”, divulgado na página da FVS-AM, até o dia 30 de agosto de 2023, foram confirmados 637.613 casos da doença; destes, 14.481 pacientes foram a óbito [1].

No estado do Amazonas, na denominada 2ª onda, ocorrida no mês de janeiro de 2021, mais de 3.600 pessoas morreram, diagnosticadas com Covid-19. Os números, publicados pelos órgãos oficiais, até hoje causam muito impacto ao serem lidos, como os divulgados pela FVS-AM:

A partir da segunda quinzena de dezembro houve aumento do número de internações pelo Covid-19, possivelmente devido ao descumprimento das medidas de prevenção estabelecidas e também, às confraternizações de fim de ano e festas clandestinas. Até

o dia 23 de janeiro de 2021 foram registrados 19.784, hospitalizações por pacientes com Covid-19 no estado do Amazonas. Em Manaus, foi observado aumento na ocupação de leitos clínicos e de UTI tanto na rede pública quanto da rede privada, com aumento expressivo a partir de janeiro de 2021 [2].

Assim como os casos, o número de óbitos aumentou a partir da segunda metade de dezembro, principalmente em residentes de Manaus (Figura 7). No início de dezembro a média móvel de óbitos por dia era de 7,5 óbitos/dia e, em 23 de janeiro, aumentou para 100,1 óbitos/ dia [...] [3].

Do primeiro trimestre de 2021, o mês de janeiro foi o que acumulou mais mortes pelo novo coronavírus: 3.629. O mês foi marcado pela segunda onda da pandemia no estado.

Apenas no dia 14 de janeiro foram 258 internações – 254 em Manaus e quatro no interior – e 82 mortes por Covid-19, 76 delas na capital. Os números elevados tiveram forte influência da crise de oxigênio, provocada pela falta do insumo nos hospitais da rede estadual [...] [4].

As Unidades de Saúde, públicas e particulares, superlotaram. Houve falta de oxigênio para o abastecimento em toda rede hospitalar, em decorrência disto pessoas morreram asfixiadas nos hospitais ou em suas próprias residências.

Os dias de terror vividos por Manaus em janeiro — com a morte de pacientes por asfixia devido à falta de oxigênio nos hospitais, à ausência de vagas em UTIs e à chegada de uma nova variante mais transmissível do vírus — são uma tragédia difícil de esquecer e ainda longe de acabar. Foram muitos os relatos de desespero e incontáveis as imagens de dor daqueles que tentavam buscar por conta própria cilindros de oxigênio para que seus familiares não morressem sufocados, enquanto médicos no limite da exaustão precisavam decidir quem receberia oxigênio suplementar, levando em conta as chances de sobrevivência. “Os hospitais de Manaus viraram câmaras de asfixia”, resumiu na coluna de Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo (14/1), o pesquisador da Fiocruz, Jesen Orellana, que há tempos vem denunciando a situação na região [5].

Para armazenar corpos de pacientes que viam a óbito, câmaras frigoríficas foram colocadas nas portas dos principais hospitais de Manaus, aguardando os parentes identificarem o corpo. Tão dramática situação foi divulgada pelos meios de comunicação: *“Além da instalação das câmaras frigoríficas, a Secretaria de Saúde também vai reforçar a estrutura de atendimento pós-óbito nos pronto-socorros da rede estadual [...]”* [6].

Nos cemitérios, corpos eram enterrados em valas comuns, sepultados em série, um ao lado do outro. Por conta desse colapso, outros estados da União se prontificaram em receber pacientes do Amazonas, dando-se início ao processo de transferência de vários doentes, através dos aviões da Força Aérea Brasileira (FAB).

O governador do Amazonas, Wilson Lima, disse nesta 5ª feira (14.jan) que ao menos 235 pacientes do Estado serão levados a outros 6 Estados para receber atendimento médico por causa do colapso no sistema de saúde local e a falta de oxigênio. O governo do Estado informou que fez um estudo dos Estados para decidir quais participariam do acolhimento aos pacientes para que não sobrecarregassem a rede assistencial de outros locais. De acordo com Wilson Lima, os lugares que devem atender pacientes amazonenses são: Goiás, Piauí, Maranhão, Brasília, Paraíba e Rio Grande do Norte. Na manhã desta 5ª feira (14.jan), 30 pacientes já foram encaminhados para o Piauí. [...] [7].

3. A MINHA EXPERIÊNCIA COM O COVID 19

Após esse breve recorte histórico da segunda onda da pandemia da Covid-19 no Amazonas, narrarei a minha vivência como uma espírita amazonense, acometida pela doença que assustava a população e os profissionais de saúde, pela sua virulência [8].

3.1 O QUE VIVI EM MANAUS: DO INÍCIO DOS SINTOMAS A MINHA TRANSFÊRENCIA PARA OUTRO ESTADO

3.1.1 Início dos Sintomas

Em primeiro de janeiro, celebrávamos o início do ano 2021, neste dia, amanheci sentindo leve dor de ouvido e não dei importância, achei que pingando algumas gotinhas de remédio iria resolver. O almoço em família, preparado com esmero, foi nos oferecido na residência do nosso genro Orlens Melo e nossa filha Lorena. Tudo ocorreu como houvera sido programado, entretanto, eu estava incomodada com a tal dor de ouvido. Retornamos do almoço e a dor só foi aumentando.

Passei a noite mal, ao amanhecer liguei para uma amiga médica, que foi até minha residência, após rápido exame, auscultou meus pulmões e disse estarem limpos, mas que eu não descartasse a possibilidade do Covid-19, cujos casos aumentavam consideravelmente na cidade de Manaus. Como a dor de ouvido se intensificou, procurei consultar uma especialista que, após exame, fez uma lavagem no meu ouvido, prescreveu medicação para dor e disse que estava tudo bem.

3.1.2 Diagnóstico do Covid-19

No dia sete de janeiro, nossa filha Maria José foi diagnosticada com Covid-19. Ao receber tal notícia, eu e meu esposo, José Jorge de Melo, procuramos nesse mesmo dia, pela parte da tarde, fazer o teste, o meu resultado foi positivo para o Covid-19.

Retornamos à nossa residência e eu já sentia que havia piorado. Comunicamos o fato a outra amiga médica, que prescreveu uma medicação, solicitou exames (tomografia e outros), e ficou acompanhando a distância. Naqueles dias, com a grande demanda de doentes na capital amazonense, tornava-se quase impossível agendar consulta ou exame, mesmo na rede particular.

No dia nove de janeiro, amanheci debilitada, sentindo dificuldade em respirar, os exames solicitados foram realizados nesse mesmo dia e o resultado foram preocupantes, o quadro de saúde foi se agravando requerendo o uso de oxigênio, conseguido com certa dificuldade, inicialmente pela falta de um cilindro, que nos foi emprestado por um familiar do meu genro. Nesse mesmo dia, meu neto, João Victor, também testou positivo para o Covid-19.

3.1.3 Preparo para a Internação: prece, passe e diálogo fraterno.

Nesse mesmo dia, 9 de janeiro de 2022, por volta das 21hs, por indicação médica, iniciaram-se os preparativos para a minha internação. Antes da saída para o hospital, fizemos uma prece, minha filha Lorena aplicou-me passes e serviu-me água fluidificada. Meu neto João Victor conversou comigo sobre os recursos que o hospital poderia me oferecer, perguntou se eu gostaria de levar comigo “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Lembro que respondi que levaria em meu coração, entendia que estava mal, que precisava de uma intervenção médica especializada.

Refleti demoradamente sobre o estado de saúde da minha filha Maria José e do neto João Victor; concluí que todos necessitávamos de assistência médica e amparo espiritual, reconhecia que eu quase nada podia fazer por eles. Nesse momento, iniciei o processo de entrega e confiança em Jesus.

A partir desse momento, quando me vinha à lembrança deles, eu refletia de forma lúcida e profunda de que eles estavam sobre o Seu amparo. Registrei esse momento com sentimento de gratidão pela dor do sofrimento, hoje, apenas transcrevo o que registrei em minha agenda íntima e material logo que retornei ao meu lar.

3.1.4 Recurso da Oração na Saída de Casa para o Hospital

Saí do quarto (que minha filha Maria José havia reservado para servir de isolamento para os três) numa cadeira de escritório com rodinhas, o que muito facilitou minha chegada até a escada que dá acesso à saída principal da nossa residência. Com muita dificuldade, desci a escada, vencendo aos poucos os 13 degraus. Em cada um, parava e orava silenciosamente. Apesar de estar usando o oxigênio, sentia-me ofegante, respiração pesada, sentia que as pernas começavam a travar. Entendi que aquele momento representava somente o encontro com a dor, pois posso afirmar que em nenhum momento pensei que iria desencarnar.

Entramos no carro (eu, Lorena, meus sobrinhos André Luiz e Emmanuel). Orei a Jesus, pedindo coragem para enfrentar tamanha provação. Ao sairmos de casa, vi meu esposo Jorge encostado no portão à esquerda de quem sai e o envolvi em minhas preces. No trajeto de casa ao hospital, passamos em frente à Fundação Allan Kardec (FAK), e eu roguei as bênçãos de Jesus e que Ele permitisse a companhia dos bons amigos dos dois planos da vida naqueles momentos incertos.

3.1.5 Chegada ao Hospital

Uma verdadeira multidão se posicionava na frente do hospital, fomos recebidos na tenda de triagem, instalada pela Secretária de Saúde, visando facilitar o atendimento dos pacientes que buscavam assistência médica, e fomos avisados que não havia vaga [9]. Mesmo assim, pacientemente, insistimos em sermos atendidos. Demorou um pouco, mas após Lorena apresentar os resultados dos exames solicitados pela amiga médica, conseguiu a liberação para que eu fosse atendida, fui encaminhada para uma sala de primeiro atendimento. Esta se encontrava lotada de pacientes, uns acomodados em poltronas reclináveis, outros sentados em cadeiras desconfortáveis, a maioria fazia uso do oxigênio e de soro.

Nessa sala, vários pacientes há dias aguardavam transferência, e chamou minha atenção, o fato da maioria serem idosos e obesos. Percebi pacientes e atendentes agitados, pessoas tentavam fugir (a maioria homem), sendo trazidos de volta, pelos porteiros do hospital. Observei ser a única paciente que portava oxigênio de uso pessoal e talvez uma das poucas, com exames em mãos, o que facilitou muito o meu atendimento.

3.1.6 Lembrança dos Estudos na FAK

Nessa sala de primeiro atendimento, passei algumas horas. Vez ou outra um médico procurava me identificar a distância, nossos olhares se cruzavam e eu pensava: “ele vai me transferir para algum lugar”.

Enquanto aguardava ser atendida, lembrei-me do meu amigo José Alberto da Costa Machado, nosso dirigente do grupo do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE), grupo composto à época por: Sandra Ramalho, Roque Mendonça de Brito, Lúcia Alves, Neida Cidade, Clea Amaral, Lisa Mara Lins, Maria do Socorro Brito da Costa, Denise Junqueira, Maryolanda Lajes, Rosália Sarmiento Guimarães, Klátia Mazarello, Gean Peixoto, Márcia Amorim, Francis Sgarbi, Tânia Melo e Tatiana Nobre.

Há algumas semanas, José Alberto vinha aplicando algumas dinâmicas no grupo de estudo *on line*, a última delas consistia em simular que havíamos desencarnado, chegávamos ao mundo espiritual e relatávamos aos companheiros como havia sido o nosso processo de desencarnação.

Procurei rememorar a fala dos companheiros do grupo, lembrei que naquela ocasião eu havia comentado que gostaria de desencarnar lúcida, mas, naquele ambiente de intenso sofrimento, desconsidere a tal ideia, entendendo deixar a carga de Deus. Passei a refletir sobre a importância dessas informações e quase não vi o tempo passar. Nesse ínterim, recebi as primeiras medicações. Lorena, não sei explicar como, conseguiu entrar nessa sala e entreguei a ela o cilindro de oxigênio por estar terminando a carga.

3.1.7 Transferência para a “Sala Rosa”

Nessa madrugada, o médico (que eu entendia que iria me transferir) me chamou pelo nome e não me disse nada. Um auxiliar de enfermagem, que se encontrava ao meu lado, conduziu-me à enfermaria “Rosa”, observei que essa enfermaria era um pouco mais espaçosa. Nesta, havia três fileiras de leitos, duas nas laterais com a testeira da cama voltada para a parede e servidas com oxigênio, outra no meio formando um corredor, essa não era servida de oxigênio. Fui acomodada em um desses leitos, o que me causou apreensão por entender que tinha necessidade de oxigênio [10].

A maioria dos pacientes estava em estado avançado do Covid-19, quando passavam mal eram retirados para fora da enfermaria pelos braços fortes de maqueiros, que foram incansáveis no atendimento. Distribuíam, insistentemente, garrafas com água, parecia que estavam sendo intuídos (essa era a minha leitura naquele momento). Eles e os auxiliares de enfermagem pareciam não temer o perigo. Presenciei auxiliar de enfermagem penteando senhorinhas, oferecendo alimento na boca das pacientes, orientando carinhosamente os idosos a fazerem o uso correto da máscara de oxigênio. Nesse ambiente envolto de intensa aflição, consegui receber meu celular, que fora encaminhado por meus sobrinhos através de um dos auxiliares de enfermagem.

Não havia lençol nos leitos, cada paciente se virava como podia, nem registrei a presença de nenhum médico circulando nessa enfermaria “Rosa”. Do meu leito acompanhava o movimento dos profissionais da área médica, que ficavam no posto de enfermagem que parecia ter sido improvisado. Pareciam pensativos, olhavam fixamente em nossa direção, viravam de costas para nós, fechavam o círculo parecendo tecer comentário.

A pedido de uma amiga médica, durante mais de dez horas, nas quais permaneci nessa enfermaria, recebi a visita de algumas pessoas da área de saúde que procuravam notícias sobre o meu estado de saúde e me informavam sobre as providências que estavam sendo tomadas no sentido de me transferirem para outra enfermaria.

3.1.8 Transferência da “Sala Rosa” para outra Enfermaria: Crise de Angústia e Visita dos Amigos Espirituais.

Na tarde do dia onze de janeiro, fui transferida para uma das enfermarias (não sei precisar qual o andar). Ao chegar, já não conseguia me virar no leito, sentia as pernas travadas, não conseguia dormir, procurava identificar um rosto conhecido e não encontrava.

Não me sentia bem. Pedi a um rapaz, que acompanhava sua mãe, que chamasse alguém no Posto de Enfermagem. Quando ele saiu em busca de auxílio, senti vontade de gritar, pedir para me tirarem dali, tremi muito, foi uma sensação horrível, indescritível. Nesse momento lembro que roguei a Jesus forças para suportar aquele momento aflitivo.

Fechei os olhos, procurei respirar o mais profundo que conseguia e aos poucos fui me acalmando, nesse momento, tive a nítida impressão de que havia alguém ao meu lado. Quando a auxiliar de enfermagem chegou, contei-lhe o acontecido (excluindo o fato da certeza de alguém ao meu lado) dizendo-lhe que estava sentindo medo. Após o relato, esperava ser atendida por algum profissional ligado à área da saúde, mas isso não aconteceu. Entendi que cada um deveria administrar sua aflição, seu desespero.

3.1.9 Presenciando várias Desencarnações

Quando dei entrada nessa enfermaria, éramos seis e só restava eu, as demais haviam desencarnado e novo grupo de pacientes se formou. Estávamos lá simplesmente aguardando a hora do óbito.

Havia pacientes no oxigênio, sem acompanhante, como foi o meu caso, outras no oxigênio, acompanhadas por familiar, que desesperados assistiram a desencarnação do seu ente amado. Um paciente retirou o oxigênio, foi ao banheiro, voltou, deitou-se e desencarnou silenciosamente. Outra paciente desencarnou asfixiada. Uma idosa foi levada por familiares, para desencarnar em casa. Cada leito desocupado era imediatamente ocupado por outra paciente que, por sua vez, também vinha a óbito. Lembro que nessa enfermaria, presenciei apenas duas pacientes recebendo alta médica.

Sentia-me um pouco atordoada, a iluminação ambiente não era reduzida, então pensei; quando servirem café é sinal de que o dia amanheceu, mas o café parecia que não vinha, ou eu não estava dando conta do que estava havendo ao meu redor. Eu não conseguia me alimentar sozinha. Sentia sede e frio, ficava ensopada de urina. As roupas que meus familiares entregavam na portaria, demoravam horas para chegar as minhas mãos, e quando chegava, não tinha quem pudesse me ajudar a trocar.

3.1.10 Auxílio e Visita Inesperada

As auxiliares de enfermagem estavam encontrando dificuldade em pegar minhas veias e comunicaram ao Posto de Enfermagem. O médico plantonista, após me examinar, avisou-me que teria que pegar a minha jugular. Fiquei apreensiva, e em pensamento perguntei: “e agora?”. Nesse momento, uma auxiliar de enfermagem que atendia outra paciente, perguntou a colega o que estava acontecendo. A colega explicou-lhe e ela disse: vou tentar; quem sabe eu consiga. Eu estava com os braços bastante maltratados, há muito estavam tentando e não conseguiam. Quando a auxiliar de enfermagem retornou, para meu alívio, conseguiu acessar à veia de primeira.

Sanado a questão da ameaça da punção da veia jugular, procurei fechar os olhos e me acalmar. Em seguida, uma voz que não reconheci de imediato, me perguntava: “Santa, você está me reconhecendo? Vou tirar a máscara, assim ficará melhor”. Eu a reconheci, era uma amiga médica cirurgiã geral, que me encontrava naquela enfermaria. Lembro que falei seu nome. A partir desse momento, apareceu um médico plantonista, que havia sido seu aluno e outro que lhe tinha grande consideração. E rapidamente ela procurou conversar com minhas filhas, providenciaram uma acompanhante, contrataram uma fisioterapeuta. Então, passei a me sentir assistida emocionalmente.

3.1.11 Notícia que Corria pela Enfermaria

Eu não sabia do que estava ocorrendo sobre a questão do desabastecimento de oxigênio em Manaus. Essa informação começou a se propagar através dos acompanhantes dos pacientes e por alguns funcionários da manutenção do Hospital, encarregados do funcionamento do oxigênio nos leitos. Eles deixavam escapar o que estava acontecendo, comentando que em algumas enfermarias não havia mais o fornecimento de oxigênio. Essa notícia abalou emocionalmente várias pacientes e seus acompanhantes.

Um dos acompanhantes, proprietário de uma metalúrgica, filho de uma senhora que se encontrava no leito ao meu lado, tentava nos acalmar, comentava que havia doado ao hospital 20 cilindros carregados de oxigênio, e que a situação estava sobre controle. Porém, apesar de todo seu esforço, sua mãe não resistiu a Covid-19.

Sem noção do que estava ocorrendo na cidade de Manaus, desenvolvi o sentimento de negação, não acreditei que estivesse havendo falta de oxigênio, procurava fato semelhante e não encontrava registro mental.

3.1.12 Notícias Desencontradas sobre minha Transferência

No dia 14 de fevereiro, um dos assistentes sociais do Hospital, foi até o meu leito, conversou comigo, informando que eu iria ser transferida para Maceió, e naquele momento assinei um documento aceitando a transferência. Nesse mesmo dia, o médico plantonista, me informou de que eu receberia alta médica. Em seguida fui comunicada de que iria ser transferida para o Hospital Universitário Getúlio Vargas. Depois, uma médica conversou comigo e disse que eu iria para São Luiz. Nesse momento tive dificuldade em gerenciar tantas informações desencontradas, sentia que havia um mar de incertezas, e mentalmente clamei por Jesus.

3.1.13 Proibição da Permanência de Acompanhantes

No dia seguinte, havia um burburinho vindo dos corredores do hospital. Minha amiga, médica cirurgiã geral, que todos os dias me visitava, dava-me a notícia de que a direção do hospital estava informando que a partir daquele dia, estava proibida a entrada dos acompanhantes. Para não contrariar a direção do hospital, ela não poderia me visitar mais vezes, como até então havia feito.

Fiquei incomodada com a notícia, mas procurei ignorar a motivação. Depois chegou minha filha Lorena (que conseguiu entrar), informando-me havia sido comunicada pelo departamento de Assistência Social do Hospital, de que eu havia sido transferida para São Luiz (MA). Após rápida conversa entre Lorena, eu e a nossa amiga médica, esta se despediu, informando que provavelmente estivesse contaminada pelo vírus do Covid-19 (o que foi constado depois) e se retirou.

Eu e Lorena acertávamos detalhes sobre a viagem. Ela me informava que não poderia me acompanhar no mesmo voo para São Luiz, mas que estava providenciando sua passagem num voo comercial em uma das companhias aéreas. Lorena afirmou que pela manhã, ao chegar a São Luiz, ficaria hospedada no apartamento da Dra. Maria José Assunção, nossa amiga e companheira de ideal espírita.

3.1.14 Recurso da Prece

Nesse momento, entrou um funcionário do Hospital, muito nervoso pedia aos acompanhantes da noite, que ainda permaneciam na enfermaria, que se retirassem. Avisava insistentemente que o fornecimento de oxigênio estava chegando ao fim. Minha filha procurou manter-se calma e pediu que ele permitisse que ela proferisse uma prece, antes de se retirar. Ele parecia não ouvir e ela insistiu, em dado momento ele falou: “*que seja rápida*”.

Logo após proferir a prece e aplicar-me o passe, minha filha se retirou. Fiquei desnorteada, respirei fundo e roguei a presença do meu amigo espiritual, pensando sempre que precisava de coragem para enfrentar esse novo momento. Procurei me acalmar e aguardei a chegada do pessoal do SAMU¹⁰¹.

3.1.15 Meu Nome fora da Relação do SAMU

¹⁰¹ O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU 192) realiza os atendimentos em qualquer lugar e conta com equipes que reúne médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e condutores socorristas. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/samu-192>. Acesso em: 30 Set 2023.

Quando o pessoal do SAMU chegou, ao ler a lista de pessoas liberadas para viajar, meu nome simplesmente não constava na relação. Fiquei tensa, solicitei a presença de alguém da direção do Hospital, que pudesse me esclarecer sobre o porquê da exclusão do meu nome. O funcionário do SAMU se retirou e depois de algum tempo retornou, com o sorriso bondoso no rosto, convidando-me a passar para a maca. As senhoras, minhas companheiras de enfermaria, que deveriam seguir comigo, não foram liberadas, por conta da baixa saturação. Depois, minha filha teve notícias de que todas foram a óbito.

3.1.16 Do Hospital ao Aeroporto de Ponta Pelada

Senti forte emoção ao sair do hospital, mas não chorei. A caminho, enquanto aguardava o elevador, o auxiliar de enfermagem do SAMU procurava me passar bom ânimo, confiança. Ao sairmos no *hall* de entrada do hospital, deparamo-nos com um coral de uma das Igrejas Protestantes sediadas na cidade de Manaus, cantando belíssimos hinos. Esse é um dos bons momentos registrado na minha trajetória de vida, por ter me proporcionado vivenciar o sentimento de gratidão pelo muito que tenho recebido de alegria e tristeza ao longo da minha trajetória de Espírito Imortal. Mesmo sem plena compreensão de todos esses movimentos ocorridos até então em minha caminhada existencial, agradei à Deus.

Figura 01 – Remoção da paciente Santa Maria Melo, para o Hospital Universitário de São Luiz (MA), em 15 de janeiro de 2021.



Fonte: Jornal A Crítica, Ed 25.086, ano LXXIII, 16 e 17 de janeiro de 2021.

Após, recebermos as manifestações de solidariedade desses irmãos em Cristo, as mais de 10 ambulâncias do SAMU seguiram juntas, transportando pacientes do Hospital para o Aeroporto de Ponta Pelada, conforme manchete do Jornal “A Crítica”, que dizia: “Corrida para salvar vidas”.

Ao chegarmos, fomos recepcionados no pátio do aeroporto por profissionais da Aeronáutica de Manaus. Após cinco dias deitada, quase não consegui me levantar, andar e subir as escadas do avião. Ao adentrar a aeronave, sentia falta de ar, sendo imediatamente atendida com oxigênio e fui melhorando aos poucos. Viajei sentada na cadeira, dobraram a mesinha de refeição e colocaram o meu travesseiro. Procurei me acomodar da melhor maneira possível.

Embora saiba que viajei em grupo, não guardo lembrança do embarque dos outros pacientes que viajaram comigo. Sentia fome e frio, o fraldão estava ensopado e não tinha como trocá-lo. Sentia-me envergonhada por estar suja, desarrumada, exalando mal cheiro.

3.2 SÃO LUIZ (MA): DA CHEGADA A DESPEDIDA

3.2.1 Chegada a São Luiz (MA)

Era noite quando chegamos a cidade de São Luiz, não sei precisar o horário. Pela janela da aeronave, observei ao longe e vi várias ambulâncias estacionadas no pátio do aeroporto. Ao desembarcar, a primeira voz que ouvi foi a do “Dr. Gilson”, não guardei a sua fisionomia. Ele se apresentou, dizendo seu nome e que eu estava aos seus cuidados até chegar ao Hospital Universitário, onde todos os pacientes daquele voo seriam atendidos por uma equipe médica. Eu, me sentindo confusa, lembro perfeitamente que lhe pedi: “Não me abandone”! Hoje não sei explicar o porquê do pedido, talvez estivesse me sentindo insegura.

Lembro que eu repetia mentalmente: “Eu me chamo Santa Maria Oliveira de Melo e sou trabalhadora da Fundação Allan Kardec”. No trajeto do aeroporto até o hospital, acho que tive lapso de memória. Sabia que estava sendo levada para o hospital, depois pensava que ia encontrar com o Jorge, que estava indo para a FAK.

Lembro que estava sendo empurrada numa maca e alguém dizendo: “ela é a primeira”, depois um médico fazia-me várias perguntas, examinava-me. Fui colocada num leito limpo e me vestiram com bata e trocaram o fraldão. Nessa noite, senti fraqueza, vontade de tomar um caldo, uma sopa quentinha. Uma auxiliar de enfermagem, de nome Sonia, hoje minha amiga, ficou me atendendo naquela noite, voltando outros dias. Até hoje, guardo uma mensagem (Anexo 01) e um travesseiro (Anexo 02) que ela me ofereceu como lembrança.

Nessa enfermaria, tinha dois leitos: o que eu ocupava e outro ocupado por um senhor, morador do bairro Dom Pedro em Manaus, que exercia a profissão de tatuador, dizia ser bastante conhecido naquele bairro, parecia grave, e me senti bastante incomodada com sua presença. Na verdade, não queria ver mais ninguém morrer; tanto que fiquei aliviada quando fui transferida para outra enfermaria. Depois, tive notícias de que ele recebeu alta médica.

3.2.2 Transferência para nova Enfermaria

Nessa nova enfermaria, a princípio estava sozinha, pedi para ficar no primeiro leito perto da porta na intenção de mantê-la aberta. Depois achei que não havia feito boa escolha, porque via as macas passando rápidas, transportando pacientes, e logo vinha o pensamento de que estava voltando tudo novamente.

Um funcionário do hospital arrumou meu celular, e fui me comunicando aos poucos com meus familiares. Sentia-me confusa, mas sentia que estava melhorando. Com a ajuda de uma fisioterapeuta, comecei a dar meus passos pela enfermaria. Sentia vontade de conversar com alguém, de relatar o que estava acontecendo comigo, de falar sobre minha família, amigos, do meu sentimento de pertencimento à Fundação Allan Kardec. Como não conseguia, passei a ouvir música.

Nessa enfermaria, chegaram novas pacientes de Manaus. Uma moça de nome Aline, transferida do Hospital Platão Araújo (AM), e dava notícias de que seu genitor fora transferido do mesmo Hospital para o Rio de Janeiro. Outra moradora do Careiro da Várzea (AM), dizia ser proprietária de um restaurante, parecia ter outras comorbidades e uma pastora evangélica que insistia em nos doutrinar, dizia morar no bairro da Compensa. Procurei apenas ouvi-las, estavam tentando me ajudar. A lembrança dos familiares me trazia saudade..., apesar da minha filha Lorena se encontrar em São Luiz, ainda não tínhamos nos encontrado pessoalmente.

3.2.3 A Procura do Dr. Gilson

Dias antes de receber alta hospitalar, ouvi uma voz, vindo do corredor próximo à enfermaria, era Dr. Gilson, que perguntava: “D. Santa Maria está por aí?”. Fiquei feliz, e mesmo sem vê-lo, disse-

lhe em voz alta, que sim e pedi-lhe que entrasse na enfermaria para que eu pudesse revê-lo. Entretanto, ele disse não ter permissão para isso. Então, em voz alta, eu o procurei agradecer pela sua atenção, falei-lhe do meu sentimento de gratidão pelo seu gesto de amor fraterno. Transferida para outra enfermaria, sem êxito, procurei pelo Dr. Gilson.

3.2.4 Mudança de Enfermaria/Alta Médica

Na manhã do dia 22 de janeiro, recebi a visita da minha filha Lorena, nesse momento, senti imensa alegria em reencontrá-la. Questionamos sobre a possibilidade de eu receber alta hospitalar nos próximos dias, que seria necessário se informar sobre a liberação da passagem de retorno à Manaus e comprar roupas, pois as que foram na mala não eram minhas, haviam sido trocadas no Hospital em Manaus.

Por volta do dia 23 de janeiro de 2021, após 8 dias de internação no Hospital Universitário do Maranhão/AM, eu recebia o comunicado de alta hospitalar (Anexo 03), pela Dra. Andreia Coimbra Souza. A partir desse momento, foi tudo muito rápido. O serviço social do hospital entrou em contato com a Lorena, comunicando a minha alta. Uma assistente social de Manaus, que acompanhou o grupo à São Luiz e lá permaneceu, também contatou e providenciou a passagem de retorno à Manaus, nos acompanhando até o aeroporto.

Como eu, outros pacientes de Manaus haviam recebido alta médica. Comparecemos às 15h no *hall* de entrada do Hospital Universitário, conforme solicitação da direção. Fomos recepcionados pelos funcionários do hospital, juntamente com a presença da imprensa, que nos acompanhou até ao aeroporto. Recebemos um cartão (Figura 2) e uma caixinha (Anexo 040), como recordações carinhosas dos dias de internação e convivência com a equipe daquele hospital. Dr. Kaile de Araújo Cunha num gesto de solidariedade, acompanhava toda a nossa movimentação e através da janela de vidro acenava a todos.

Do grupo de pessoas que retornou no mesmo voo comigo, somente eu não fiz o *tour* oferecido pelo hospital, pela cidade de São Luiz, porque recebi alta e viajei no mesmo dia. Mesmo assim, o motorista da van que nos conduziu até o aeroporto, teve a delicadeza de, no trajeto, ir me apresentando os lugares por onde passávamos.

Figura 2: Cartão de despedida ofertado pelo Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão.



Fonte: Acervo da autora.

3.2.5 Viagem de Retorno

No trajeto do HUUFMA ao Aeroporto, senti que não estava bem, sentia-me debilitada. A viagem de volta em voo comercial com escala em São Paulo (SP), foi cansativa. Eu me sentia fraca, sonolenta, indisposta. Desembarquei em Manaus (AM) em cadeira de rodas, exausta, após 10 horas de espera nos aeroportos de São Luiz (MA) e a capital paulista, pois o voo atrasou horas.

4. REFLEXÕES SOBRE A MINHA TRAJETÓRIA COMO PACIENTE COM O COVID 19

4.1 ATENDIMENTO RECEBIDO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE, EM MANAUS (AM) E EM SÃO LUIZ (MA)

Durante o período da minha internação, acometida pela Covid-19, observava, dentro das minhas possibilidades, o atendimento proporcionado aos pacientes. Após a minha alta, fazendo uma análise simples da assistência recebida naqueles dois serviços de saúde, durante a minha internação, registrei algumas impressões pessoais.

Quadro 01: Impressões sobre o atendimento proporcionado aos pacientes com a Covid-19, pelo HPS 28 de Agosto (Manaus-AM) e Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (São Luiz- MA), janeiro de 2021.

Em Manaus (AM)	Em São Luiz (MA)
Não fiz nenhum exame, todos foram solicitados por médico particular e feitos na rede particular.	Todos os exames foram refeitos no próprio Hospital Universitário.
Não conseguia me alimentar, por não ter quem colocasse o alimento na boca, enquanto retirava a máscara de oxigênio, observando que a outra mão estava imobilizada, recebendo soro.	A auxiliar de enfermagem, ajudava a paciente a se alimentar e a fazer sua higiene pessoal.
Em nenhum momento recebi visita de nutricionista, fisioterapeuta e psicóloga da rede pública de saúde.	A nutricionista passava no leito, conversava com a paciente, perguntava se nos agradava o que estava sendo servido. Fui atendida pela fisioterapeuta.
Alguns pacientes conseguiam permissão para terem acompanhante, outros não. Uns recebiam visita médica e de fisioterapeuta particular. Outros, que não tinham recursos financeiros, não recebiam visita médica e muito menos de fisioterapeutas.	Não era permitida a presença de acompanhante, ninguém recebia visita médica nem de fisioterapeuta particular.
Em nenhum momento minha filha Lorena conseguiu falar com um dos médicos plantonistas que me assistiam.	Diariamente minha filha Lorena, por vídeo conferência, conversava com a equipe médica que me acompanhava.
Hoje, penso que os médicos plantonistas do hospital que me atendeu em Manaus, não tinham recursos hospitalares para atender a grande demanda de contaminados. Estavam impactados com o que viam, principalmente com a falta de oxigênio.	Sem sombra de dúvida, os médicos em São Luiz, estavam preparados para atender aos pacientes transferidos da capital manauara. No momento da nossa despedida, era notório o semblante de alegria estampada no rosto de cada funcionário que se fazia presente no hall de saída do hospital.

4.2 CONSEQUÊNCIA DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

Minha aproximação com a Doutrina Espírita, aconteceu no ano de 1972. Cheguei a Federação Espírita Amazonense (FEA), vivenciando tormentosa depressão pós-parto. Recebendo assistência espiritual, aos poucos superei os desafios, anos depois. Anos estava colaborando na Federação, ao lado de Nilsan, Geraldina Gonçalves, Decy Nunes, Noêmia Peixoto, Jovelina, Justino.

Em dezembro de 1980, apresentei-me à Fundação Allan Kardec (FAK), para colaborar no atendimento de assistência médica, realizado sábado pela manhã, ao lado da Professora Dra. Lúcia Alves, Dr. João Freire, Dra. Glória Gesta e do Professor Dr. José Alberto da Costa Machado.

Fiz da FAK o meu porto seguro. Participando dos estudos doutrinários e procurando colocá-los em prática, paulatinamente estou assimilando seu conteúdo. Entendo que os ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina Espírita nos proporcionam alívio nas aflições.

A internação hospitalar, por si só, causa insegurança e medo, para a maioria dos pacientes e aos seus familiares. E a necessidade de ser internada por estar acometida por uma virose pandêmica e com alta taxa de mortalidade era causa de pânico e desespero, pois as notícias veiculadas pela mídia apresentavam um cenário assustador.

Mas são nesses momentos de grandes desafios que nós buscamos os recursos íntimos, ameadados nesse percurso que trilhamos na Casa Espírita. Tenho a convicção de que o tempo de adepta ao Espiritismo me proporcionou o conhecimento das Leis de Deus, que se apresentou na forma dos recursos que utilizei para superar a “dor-bênção”, vivenciada no período em que estive acometida pela Covid-19:

- Orei, me esforcei em confiar em Jesus, busquei o seu auxílio através dos bons amigos espirituais;
- Utilizei a água magnetizada, como recurso terapêutico, confiando na sua eficiência;
- Refleti sobre o que estava acontecendo, busquei identificar a dor e tentei aplicar estratégias (quais?) necessárias a conquista da minha serenidade; (meditação, música)
- Lutei intimamente para administrar minha casa mental.

Todos os recursos que empreguei foram desafiadores: esforço para controlar meus pensamentos. Quando percebia que estava perdendo esse controle, tentava novamente, refletia sobre a dor que estava vivenciando e lutava para manter a chama da esperança de poder sobreviver. Para a aplicação desses recursos, foram empregados uma dose de determinação e de coragem, que possuo em fase de germinação. Nenhum desses sentimentos encontram-se consolidados em mim, entretanto os conhecimentos adquiridos na Doutrina Espírita me confortaram e me ampararam nos momentos angustiantes, vivenciados nos hospitais de Manaus (AM) e São Luiz (MA).

5. APRENDIZADOS

Nesses momentos de “dor-bênção”, pensava que familiares e amigos oravam por mim. Então, procurava povoar minha mente com boas recordações, lembrando-me dos encontros em família, das atividades na FAK, dos encontros fraternos com os amigos. Penso que essas lembranças me sustentaram, levando-me a construir, naqueles momentos desafiadores, o sentimento de esperança, a certeza da presença do meu amigo espiritual e, acima de tudo, a confiança na Providência Divina.

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A jornada experienciada entre o dia 1º de janeiro de 2021, quando surgiram os primeiros sintomas da Covid-19, permeada pela internação em Manaus (AM), no dia 09 de janeiro, a remoção para São Luís do Maranhão no dia 15, tendo sido transferida para cinco enfermarias diferentes, até a alta no dia 23 do mesmo mês, proporcionaram-me oportunidades de experimentar sentimentos diversos.

Alguns fatos foram omitidos, pois julguei desnecessário tratar deles nesse momento. Quem sabe, poderão vir a ser narrados em outra oportunidade.

Refletir sobre os desafios vivenciados naqueles dias aflitivos, em que estive doente com a Covid-19, bem como a aplicação do conhecimento espírita como auxílio na dor e na esperança, me deram a oportunidade de registrar o sentimento de eterna gratidão, meu agradecimento ao Mestre Jesus, a bênção da dor vivenciada de forma intensa nesses vinte e três dias.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Kaile de Araújo Cunha e sua equipe, pelo atendimento profissional e humanizado no Hospital Universitário do Maranhão-UFMA.

A auxiliar de enfermagem Sônia (UFMA), pela sua doçura para comigo.

A Professora Dra. Lúcia Alves - infectologista, amiga e irmã de ideal espírita.

A Dra. Monique Linhares - clínica geral, amiga e irmã de ideal espírita.

A Dra. Keila Gonçalves - cardiologista, amiga e irmã de ideal espírita.

A Dra. Cinira Camurça - cirurgiã geral, amiga e irmã de ideal espírita.

A Dra. Maria José Assunção - odontóloga, amiga e irmã de ideal espírita.

A cada amigo e irmão/irmã, que orou e me enviou boas vibrações.

Os mais sinceros agradecimentos a Comunidade Fakeana.

7. REFERÊNCIAS

[1] PAINEL COVID 19 AMAZONAS. Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas Dra. Rosemary Costa Pinto. Disponível em: https://www.fvs.am.gov.br/indicadorSalaSituacao_view/60/2. Acesso em: 03 Set 2023.

[2] FUNDAÇÃO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO AMAZONAS. Situação Epidemiológica de COVID-19 e da Síndrome Respiratória Aguda Grave no Estado do Amazonas, 2021, ano 2, nº 16. https://www.fvs.am.gov.br/media/publicacao/boletim_covid_16.pdf, Acesso em: 03 set 2023, p 3.

[3] FUNDAÇÃO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO AMAZONAS. Situação Epidemiológica de COVID-19 e da Síndrome Respiratória Aguda Grave no Estado do Amazonas, 2021, ano 2, nº 16. https://www.fvs.am.gov.br/media/publicacao/boletim_covid_16.pdf, Acesso em: 03 set 2023, p 4.

[4] MAIS DA METADE das mortes por Covid-19 no Amazonas ocorreram de janeiro a março de 2021. Amazonas Atual. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/mais-da-metade-das-mortes-por-covid-19-no-am-ocorreram-de-janeiro-a-marco-de-2021/>. Acesso em: 03 Set 2023.

[5] ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA. Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021. In: Informe ENSP. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>. Acesso em: 03 Set 2023.

[6] COVID 19- hospitais reinstalam câmaras frigoríficas após alta de casos em Manaus. Disponível em: <https://www.giromarilia.com.br/noticia/giro-cidades/covid-19-hospitais-reinstalam-camaras-frigorificas-apos-alta-de-casos-em-manaus/40469>. Acesso em: 03 Set 2023.

[7] OXIGÊNIO ACABA em hospitais de Manaus; profissionais de saúde pedem ajuda. Poder 360. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/oxigenio-acaba-em-hospitais-de-manaus-profissionais-de-saude-pedem-ajuda/>. Acesso em: 03 Set 2023]

[8] CORRIDA PARA SALVAR AS VIDAS. *A Crítica* (AM), ano LXXIII, Nº25.086, p.1, 16 e 17 Jan 2021.

[9] TENDAS DE TRIAGEM voltarão a ser montadas nos HPS 28 de Agosto e Platão Araújo. Disponível em: <https://18horas.com.br/amazonas/tendas-de-triagem-voltarao-ser-montadas-nos-hps-28-de-agosto-e-platao-araujo/>. Acesso em: 30 Set 2023.

[10] SALA ROSA de Hospital 28 de Agosto é a Sala da Morte, diz médica em Manaus... Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/03/sala-rosa-de-hospital-28-de-agosto-e-a-sala-da-morte-diz-medica-em-manaus.htm>. Acesso em: 30 Set se 2023.